

“SOBRE A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALIDADE FEMININA” (1920)

Ana Carolina Froes Reis (Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF-Niterói. Ex-Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC-CNPq 2023-2024).

Flavia Lana Garcia de Oliveira (Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF-Niterói).

Esse texto possui o objetivo de abordar a tentativa de suicídio de uma jovem, bem como as suas motivações inconscientes para realizar tal ato. Trata-se do caso de uma garota de dezoito anos que foi atendida por Freud a pedido do pai, após um tempo de sua tentativa de suicídio. Esse caso foi publicado em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. De acordo com Freud (1920) a jovem é bela, inteligente e pertence a uma família de elevada posição social. O embaraço surge por ela provocar desgosto e inquietação aos pais por se relacionar com uma dama considerada de má reputação, que tem relação tanto com homens quanto com mulheres. Freud evidencia que “ela vive com uma amiga casada, com a qual tem relações íntimas, ao mesmo tempo cultivando frouxos laços amorosos com certo número de homens” (p. 102) e que “vivia simplesmente de entregar o próprio corpo” (p. 118). O autor também ressalta que, apesar desses fatos, a jovem não discute essa má reputação da dama, mas também não deixa que interfira em sua adoração por ela. Quanto a diferença de idade, a dama é dez anos mais velha que a garota.

Antes de adentrar na tentativa de suicídio propriamente é importante explicitar sobre seus pais e seu desenvolvimento para a melhor compreensão de tal ato. O pai era um homem sério, respeitável, rigoroso e bastante afetuoso apesar de não demonstrar para com os seus filhos. O comportamento dele com a única filha era muito influenciado pelas considerações da esposa, a mãe da garota, o que gerou conflitos na relação pai e filha. Quando o pai soube das inclinações homossexuais da filha, ficou enfurecido, reprimindo-a com ameaças (FREUD, 1920).

Já a mãe não tinha uma atitude tão transparente. Ela possuía a aparência de uma mulher jovem e gostava de agradar os homens com a sua beleza. A mãe foi neurótica por vários anos, tinha um marido bem solícito para com ela e tratava os filhos desigualmente. De acordo com Freud, “era realmente dura com a filha e afetuosa em demasia com os três meninos, dos quais o mais jovem era temporão, não tinha três anos de idade” (FREUD, 1920, p. 105). Para ela, a relação de sua filha com a dama não era tão trágica desde que não expusesse tão claramente os sentimentos por ela. Até admirava a confiança da garota no amor pela dama. Ao falar da mãe para Freud a jovem tinha certa reserva. O motivo dessa reserva foi constatado depois. A filha era para a mãe como uma concorrente importuna, uma rival, por isso a mãe favorecia os filhos homens em detrimento da jovem. Além disso, a mantinha afastada do pai o máximo

que podia. Portanto, a garota não tinha muitos motivos para ter ternura pela mãe, necessitando de uma mãe que fosse mais amorosa (FREUD, 1920).

Em relação ao seu desenvolvimento (FREUD, 1920), foi constatado por Freud que na infância a menina passou pelo Complexo de Édipo feminino sem eventos notáveis e substituiu o pai pelo irmão um pouco mais velho. Ela não se recordava de traumas sexuais na primeira infância e não foram revelados na análise. A diferença anatômica entre os sexos se fez presente no começo do período de latência, com cinco anos, numa comparação com os genitais do irmão e Freud salienta que “deixou-lhe uma forte impressão e teria efeitos duradouros” (p. 111). Tinha poucos índices de masturbação e o nascimento de um irmão quando ela tinha cinco anos não influenciou em seu desenvolvimento.

No período escolar, durante a pré-puberdade, ela foi se informando dos fatos da vida sexual e recebeu-os com um misto de grande prazer e temerosa rejeição, o que foi normal e sem exageros. Já na puberdade, por volta de seus dezesseis anos, a sua transformação psíquica e corporal coincidiu com um evento na família que a atingiu de forma intensa: a gravidez da mãe e o nascimento de seu terceiro irmão. A garota estava na fase de revivescência e queria ter um filho homem de seu pai, mas quem o teve foi a mãe, sua rival que ela odiava no inconsciente. Entra em voga a ambivalência afetiva. A ambivalência afetiva - amor e ódio ao mesmo objeto - tem por origem o fato da criança dirigir, no Complexo de Édipo, tanto amor como ódio aos genitores, primeiros objetos de amor (FREUD, 1905). Ela pode, portanto, ser própria de todo vínculo amoroso desse Eu ou ter surgido das vivências da ameaça da perda do objeto. Vale ressaltar também que ela é inconsciente (FREUD, 1917 [1915]).

Revoltada e amargurada não quer mais saber de seu pai, sua libido, que antes estava voltada para a maternidade, se voltou para mulheres mais maduras e permaneceu desse modo. Isso não quer dizer que toda garota que anseia pelo amor na puberdade e passe por uma decepção dessa será homossexual, essa é só uma possível resposta dentre várias outras. Além disso, nessa garota devem ter pesado fatores exteriores ao trauma, de natureza interna, até porque a inclinação às mulheres não apareceu somente nesse contexto. Essa inclinação também foi demonstrada por outras figuras femininas anteriores de sua vida, as quais o pai já suspeitava e recriminava (FREUD, 1920).

Durante a análise foi possível, segundo Freud (1920), verificar que a dama era um substituto para a mãe e as características da dama de ser esbelta, ter uma beleza austera e uma natureza rude lembravam o irmão mais velho da garota. O objeto escolhido então compreendia seu ideal de mulher e seu ideal de homem. Como a relação da garota com a mãe sempre foi ambivalente, isso favoreceu a reanimar o antigo amor por ela e recompensar com a hostilidade que dirigia a mesma. Já que com a mãe real não havia o que fazer, buscou um sucedâneo da mãe que pudesse se ligar apaixonadamente. Neste ato, ela retirou o desfavor da mãe, deixando os homens de lado para ela e presentes para a mãe. Considerando todo esse contexto, Freud narra a tentativa de suicídio do seguinte modo:

“Certo dia, ela foi passear com esta num determinado local, numa hora em que era possível encontrar o pai, que saía do escritório. Ele passou de fato por elas, e lançou um olhar raivoso à filha e à acompanhante, que ele já conhecia. Pouco depois ela jogou-se no fosso da linha de trem. Parece plausível o que ela afirmou sobre a causa imediata de sua decisão. Confessou à dama que o senhor que olhara de modo irritado para elas era seu pai, que proibira absolutamente a relação das duas. A dama então se encolerizou, mandou que a deixasse imediatamente e que nunca mais aguardasse por ela ou a abordasse; essa história tinha de acabar naquele momento. No desespero de haver perdido a amada para sempre, ela buscou a morte” (FREUD, 1920, p. 118-119).

Essa tentativa de suicídio teve como consequência a melhora da posição da garota em relação aos pais e à dama. A interpretação freudiana considerou esse ato da garota como sincero e destacou que a tentativa de suicídio significava duas coisas: uma autopunição e a realização de um desejo. A autopunição tem relação com os desejos de morte que ela possuía e, a Psicanálise explica que é possível se matar quando na verdade quer matar o outro objeto com que se identificou. Nesse caso, o pai por vingança, porque impedia o seu amor e a mãe, mais provavelmente quando ela estava grávida do seu irmão menor e por não ter morrido no parto. Nesse ato então ela se vinga do pai e da mãe. A realização de um desejo diz respeito à decepção de não ter um filho do pai, ou seja, ela caiu por culpa dele. Desse modo, o cumprimento de uma autopunição torna-se cumprimento de um desejo.

Além disso, quanto ao fato da garota está passeando com a dama antes da tentativa de suicídio, Freud (1920) aponta que para a jovem o pai tinha de saber ocasionalmente dos seus encontros com aquela dama, pois, de outro modo, ela não teria a satisfação da vingança, que era o que ela mais queria. E quanto mais a filha via que desagradava ao pai, mais reforçava essa postura. A partir disso, o autor enfatiza que o pai possui então papel principal na motivação da tentativa de suicídio.

Freud também interpreta os sonhos que a garota relatou para ele, caracterizando-os como surpreendentes. Neles, a jovem expressava o anseio pelo amor de um homem e por ter filhos, mas no estado de vigília a contradição aparecia. Ela ocorre por a garota de fato pensar em casar, porém com o objetivo de fugir das recriminações do pai e poder viver em paz a sua verdadeira inclinação. Também relata que lidaria sem dificuldades com o marido, mantendo relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres, como a dama o faz. A interpretação freudiana revelou a contratransferência dele ao exprimir que:

“Advertido por alguma ligeira impressão, falei-lhe, certo dia, que não acreditava nesses sonhos, que eles eram mentiras ou hipócritas, e sua intenção era enganar-me, como enganava o

pai. Eu estava certo, esse tipo de sonho não reapareceu depois disso. Mas também creio que, juntamente com a intenção de despistar, havia nesses sonhos um quê de sedução; eram também uma tentativa.” (FREUD, 1920, p.)

Portanto, pode-se concluir que todo esse contexto de valores familiares que ela busca desqualificar, sua inclinação a gerar desgosto ao pai, a rivalidade com a mãe e o abandono por parte da dama desembocaram na tentativa de suicídio da jovem. Quanto aos sonhos, estes trazem à tona para Freud que até mesmo eles podem enganar, sendo um caso clínico que acrescentou muito à clínica.

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 128-142.

FREUD, S. (1920). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: Sigmund, FREUD. Obras completas. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza, v. 15, p. 102-131.

FREUD, S. (1856-1939). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 6, p. 13-172.